

IMPLANTAÇÃO DE VIVEIROS FLORESTAIS NA ESCOLA DO PARQUE DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM - PA

Iara Rayana Leal de Sousa¹; Helionora da Silva Alves²

¹Estudante do Curso de Engenharia Florestal - Ibef - Ufopa; E-mail: rayana.lealgirl@hotmail.com;

²Docente - Ibef - Ufopa; E-mail: helionora.alves@gmail.com

RESUMO: A presença de viveiros e hortas em espaços escolares não é nenhuma novidade, já que existem inúmeros viveiros escolares no país. A utilização do viveiro como espaço de aprendizagem deve proporcionar a convivência em um ambiente fértil para o desenvolvimento de atividades que trabalhem de forma ampla e transversal aspectos sociais, ambientais, culturais e políticos. Por esse motivo, há alguns anos a Escola do Parque do município de Santarém – PA desenvolve projetos de educação ambiental visando desencadear nos alunos que visitam o espaço um estímulo para que possam cuidar do meio ambiente ao seu redor. Desenvolvendo aulas expositivas ao ar livre, a Escola do Parque conscientiza crianças e adolescentes por meio de temáticas ambientais em meio a hortas e viveiros de plantas. A implantação do viveiro florestal temporário foi desenvolvida na Escola do Parque, localizada dentro do Parque da Cidade de Santarém, a qual atua na sensibilização de alunos e professores das escolas municipais de 1º ao 5º ano e da sociedade civil organizada. Assim, as atividades desenvolvidas nesse projeto demonstram o importante papel das práticas de educação ambiental em consórcio com as essências florestais, trazendo ao público atendido questões relacionadas à natureza e aos desequilíbrios ecológicos e trocas de experiências, além de uma contribuição acentuada para o desenvolvimento sustentável, que deve começar desde a presença das crianças na escola, mantendo contato direto com práticas ecológicas corretas, principalmente no contexto que vivemos – em meio a floresta amazônica.

Palavras-chave: aprendizagem; educação ambiental; sementes; viveiro educacional.

INTRODUÇÃO

A escola é certamente a principal estrutura educadora construída na nossa sociedade. Porém, segundo Matarezi (2005), em muitos casos, as escolas constituem espaços padronizados, cujas formas e estruturas foram pensadas para atender determinadas funções e objetivos pedagógicos que levam à reclusão, controle e vigilância, ou seja, de regulação e não necessariamente de emancipação.

A presença de viveiros e hortas em espaços escolares não é nenhuma novidade, pois existem inúmeros viveiros escolares no país. A utilização do viveiro como espaço de aprendizagem deve proporcionar a convivência em um ambiente fértil para o desenvolvimento de atividades que trabalhem de forma ampla e transversal aspectos sociais, ambientais, culturais e políticos. De acordo com Freitas (2013), esses viveiros são considerados verdadeiros “berçários” configurando o processo de desenvolvimento inicial da planta, bem como o lugar de tantos conhecimentos que serão adquiridos no espaço.

Esse processo tem que ser continuado e deve desencadear na comunidade estudantil uma relação de identidade com o espaço com o qual convive, interage e aprende cotidianamente, estimulando em suas atividades o respeito e o cuidado com o ambiente e as pessoas que a cercam. A abordagem e a vivência de questões ambientais nas atividades escolares por meio de espaços e estruturas educadoras são fundamentais para uma leitura mais adequada da realidade e, conseqüentemente, para a transformação de atitudes negativas em ações mais humanas, que repercutam positivamente não só na escola, mas em todos os aspectos da vida.

Embasando-se nesses aspectos, há alguns anos a escola do Parque do município de Santarém - PA desenvolve projetos de educação ambiental, visando desencadear nos alunos que visitam o espaço um estímulo para que possam cuidar do meio ambiente ao seu redor. Desenvolvendo aulas expositivas ao ar livre, a Escola do Parque conscientiza crianças e adolescentes por meio de temáticas ambientais em meio a hortas e viveiros de plantas.

MATERIAL E MÉTODOS

O viveiro florestal temporário foi implantado na Escola do Parque da Cidade, localizada dentro do Parque da Cidade de Santarém. A Escola do Parque atua na sensibilização de alunos e professores das escolas municipais de 1º ao 5º ano e sociedade civil organizada, enfatizando os cuidados com o meio ambiente e sua relação com a qualidade de vida, agregando valores que possam contribuir com o caráter transformador dos visitantes e incentivando-os ao exercício da cidadania.

As atividades de extensão iniciaram com reuniões com os coordenadores e professores da Escola do Parque, a fim de se conhecer mais a fundo quais as atividades que eram desenvolvidas no espaço e, em contrapartida, expor os objetivos do projeto de viveiros. Destacou-se que a Escola já possuía um viveiro de plantas medicinais e ornamentais, o qual seria somente implementado com mudas de espécies florestais.

Nos primeiros 06 (seis) meses de projeto, foram realizadas consultas bibliográficas sobre espécies florestais e seus períodos de floração, frutificação, dispersão de sementes, etc., conversas informais com os coordenadores da Escola do Parque, coleta de sementes florestais no Horto Florestal da Escola São José – localizada na Comunidade de São José, Km 19 da BR-163 - além da limpeza do viveiro já existente e utilização de produtos para inibição da ação de agentes xilófagos (cupins), que estavam consumindo a madeira da armação do viveiro.

A maioria das sementes utilizadas foi doada por meio da parceria com o Laboratório de sementes Florestais (LSF) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) – Unidade Tapajós (Santarém). Foram utilizadas, entre outras, sementes de cumaru, jatobá e ipê, além de espécies frutíferas como açaí e acerola. De acordo com a literatura consultada, as essências florestais possuem graus de dormência que variam de espécie para espécie e a sua quebra é influenciada pelo ambiente em que estão depositadas ao solo. Dessa forma, a quebra de dormência das sementes utilizadas foi realizada no LSF, utilizando-se tratamentos adequados para cada espécie de acordo com as orientações dos profissionais que atuam naquele laboratório e estudos preestabelecidos.

Inicialmente, o trabalho foi desenvolvido no viveiro provisório da Ufopa – Unidade Tapajós, devido à necessidade de cuidados diários, desde o tratamento e a quebra da dormência da semente até o seu plantio. As sementes foram plantadas em saquinhos plásticos com combinações de substratos diferentes, separados em blocos, para que fosse possível também analisar qual tipo de substrato influenciaria de maneira mais positiva no crescimento da espécie. Quando as espécies ornamentais e medicinais atingiam o status de muda, eram transportadas para o viveiro da Escola do Parque, para apreciação e utilização em aulas ecológicas voltadas para a preservação do meio ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implantação de espécies florestais no viveiro educacional da Escola do Parque despertou curiosidade nos alunos visitantes, principalmente ao descobrirem que as essências florestais possuíam estado de dormência e que podem levar de 20 a 30 anos até atingirem estatura de árvore de tamanho normal.

Na produção de mudas e processos de germinação foi possível agregar diversos saberes com a equipe do LSF – Ufopa, além da troca de experiências com os alunos do viveiro temporário. No viveiro, foi possível estabelecer combinações de adubos ecológicos que ainda não haviam sido testados (ex: cama aviária + esterco de gado + palha semi-carbonizada ou semente de açaí curtida + terra preta de índio, entre outras combinações), como sugere Wendling (2006), ao recomendar que seja feita a mistura de dois ou mais materiais para a formulação de substratos para a produção de mudas, visando a uma boa aeração, drenagem e fornecimento de nutrientes de forma adequada.

A maioria dos alunos visitantes da escola puderam ter contatos com o viveiro e as diversas espécies ali cultivadas. O projeto contribuiu com as vertentes pedagógicas ambientais estimuladas pelos funcionários da Escola do Parque. Os alunos visitantes puderam aprender a importância que as espécies florestais possuem dentro de uma floresta, o papel das mesmas na produção de biomassa e nutrientes para o solo.

Foi interessante perceber que muitas crianças já possuíam um entendimento a cerca do assunto. Abordar e discutir com mais frequência é uma tarefa importante dentro do contexto escolar, principalmente

no que tange ao pensamento crítico dos alunos e na formação de cidadãos capazes de lutar pela preservação da natureza. É neste contexto que a educação ambiental vem dar esse apoio transformador, como enfatiza Tristão (2002), ao afirmar que a educação ambiental é entendida, de modo geral, como uma prática transformadora, comprometida com a formação de cidadãos críticos e corresponsáveis por um desenvolvimento que respeite as mais diferentes formas de vida.

Em meio ao êxito do projeto, ocorreram também dificuldades, entre as quais pode-se destacar a baixa disponibilidade de sementes florestais, sendo necessário estabelecer parceria com o LSF da Ufopa e a execução do processo de germinação e plantio de mudas, devido às chances de as sementes não terem êxito no crescimento, por estarem há muito tempo acondicionadas no LSF, o que exigia maiores cuidados.

CONCLUSÕES

Assim, as atividades desenvolvidas nesse projeto demonstram o importante papel das práticas de educação ambiental em consórcio com as essências florestais, trazendo ao público atendido as questões relacionadas à natureza, aos desequilíbrios ecológicos, as trocas de experiências, sustentabilidade e uma contribuição acentuada para o desenvolvimento sustentável que deve começar desde a presença das crianças na escola com esses contatos diretos com práticas ecológicas corretas, principalmente no contexto que vivemos – em meio a floresta amazônica.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão (Procce) e à Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) pela bolsa de extensão concedida para a realização deste Projeto.

REFERÊNCIAS

FREITAS, A. F.; FREITAS, A. F.; FREITAS, A. F. Caracterização dos viveiros florestais de Viçosa, Minas Gerais: um estudo exploratório. **Desenvolvimento em Questão**, v. 11, n. 22, p. 208-234, 2013.

MATAREZI, J. Estruturas e Espaços Educadores: Quando espaços e estruturas se tornam educadores. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, 2005.

TRISTÃO, M. As dimensões e os desafios da Educação Ambiental na Sociedade do Conhecimento, IN: RUSCHEINSKY, A. (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre-RS: Artmed, 183p., 2002.

WENDLING, I.; DUTRA, L.F.; GROSSI, F. **Produção de mudas de espécies lenhosas**. Colombo: Embrapa Florestas, 130p., 2006.